



Ser luthier é ocupação das mais nobres. Era o que concluía Murilo toda manhã quando, ao chegar para o trabalho, admirava sua fachada. Murilo, luthier. Guitar, Bass. “Sou eu”, sorria. “Murilo.” E como ele caprichara no letreiro, hein? De primeira. Preocupado em denotar profissionalismo, decidiu não se restringir à mera aplicação da informação. Não, não. Telefonou para o Serginho, amigo que, além de baixista amador, mexia com computação gráfica. “Serginho, estou precisando de uma marca.” Propôs uma permuta, o amigo topou. Semanas depois, lá estava Murilo na calçada, orgulhoso com o resultado. Murilo, luthier. Guitar, Bass. “Sou eu.”

Ser luthier é ocupação das mais nobres. Mas o dinheiro é curto, curto. Murilo que o diga. Quando soube que seu letreiro excedia em muito o dimensional permitido pela nova lei, tentou outra permuta. Desta vez, Serginho recusou. “O que vou fazer com dois baixos?” E passou um orçamento. “Preço de amigo.” Murilo achou caríssimo, fora de cogitação. Preço de amigo? Sei, sei... “Droga. E agora? O que faço?” Pensou, pensou e pensou. No dia seguinte, veio a solução: “Basta remover alguma das informações da fachada e pronto, estarei dentro da metragem permitida.” Genial. Mas o que retirar? Outras tantas horas e horas de reflexão. “Não dá para eliminar ‘Luthier’ e ‘Guitar, Bass’, mantendo apenas ‘Murilo’. Não dá. Como atrair clientes assim? ‘Murilo’ não quer dizer nada. Ninguém vai encomendar um serviço só porque leu ‘Murilo’. O cara nem vai saber que tipo de serviço presta o tal Murilo”, concluiu. Seguiu até a garagem, pegou a escada e, em poucos minutos, enquadrou-se na Lei Cidade Limpa.

Desde então, ainda que o ritmo de encomendas de “Guitars” e “Bass” tenha se mantido inalterado, os vizinhos repararam que, ao chegar pela manhã, Murilo já não pára por alguns segundos defronte a sua fachada. Cabisbaixo, limita-se a destrancar os cadeados e iniciar mais um dia de trabalho.



Já Enzo não quis nem saber. “Ninguém vai entender o que eu vendo? Dane-se.” Dane-se? “É, dane-se. Trabalhei feito um desgraçado para abrir esta loja. O mínimo que mereço é, todo dia, ver meu nome bem grande estampado nela. O mínimo.” Seus dois funcionários mostravam-se apreensivos. Mas e a freguesia, seu Enzo? “A freguesia? Dane-se a freguesia. Eu construí esta loja. Eu, Enzo. Não quero nem saber. Ninguém tira meu nome daqui.” E, enfurecido, encerrou a discussão.